

Um pouco de ficção - 28/09/2014

Conforme argumentação de Vaihinger, há ficção na base do conhecimento. Mas, se as grandes teorias científicas se assentam sobre ficções (por exemplo, a teoria de atração gravitacional, que é uma abstração e hipoteticamente proposta por Kepler e depois Newton; o feixe de luz _como se_ fosse uma onda, etc.), qual a garantia epistemológica da ciência?

Se, conforme Popper, a ciência é provisória, qual o valor dos juízos analíticos kantianos? Se há uma lógica na qual eles se baseiam, essa lógica de nada adianta se não for aplicada. Mas a aplicação dos juízos analíticos desemboca _praticamente_ nas ciências. E mais, por que não se pode fazer metafísica, por que a razão somente pode tratar dos fenômenos? Se chegarmos a tal ponto de ceticismo, a uma dissociação tão radical da realidade com a racionalidade, perdemos qualquer ponto de apoio.

Se a metafísica versa sobre o imponderável, o que dizer do artifício das ficções? A ficção é um construto da razão e, como tal, é subjetivo. Tempo e espaço, que são as condições da estética kantiana e são dados a priori, também não fazem parte desse construto engenhoso? Até onde isso vai?

É ilimitado o mundo criado pela mente humana. O Homem concebeu um mundo e nele vive. Esse mundo concebido não é o mesmo mundo que está aí, embora eles paralelamente se desloquem e coincidam (essa ideia remete a Leibniz e as mônadas que vivem simultaneamente isoladas, tudo com elas e entre elas acontecendo ao mesmo tempo, causa e efeito em cada uma delas, separadamente). Uma vez criado esse mundo, ele se perpetuou de tal forma que, hoje, nesse momento, agora (!!!), ficamos a mercê do produto aparente que se torna quase impossível comprovar qualquer tipo de conhecimento ou julgamento, ou qualquer coisa que remeta a algum tipo de verdade.

Mas, se é assim, vivemos sobre o caos. Ele está abaixo de nossos pés, a frente de nossas mãos e atrás de nossas costas. Se é assim: por que tanta seriedade??? Por que levar tão a sério algum tipo de trabalho que se baseia na

epistemologia??? **Isso abre caminho para o humanismo, porque não precisamos de ciência para nos relacionarmos com o outro...**

Tal ceticismo ficcional traz consigo o nominalismo que se aparta do mundo: a cabra é mais "palavra cabra" do que "bicho cabra" - ainda mais hoje quando não mais vemos bichos...

As qualidades das coisas: só as conhecemos pelos nomes e pelas sensações que delas temos, não as conhecemos em si. O nome evoca a coisa e provoca seu efeito, às vezes, antes mesmo da coisa (isso já nos mostrou Sartre sobre a intencionalidade da consciência, o imaginar que provoca algo, o ausente que se faz sentir, o pensar no frango e sentir fome, o lembrar da carne podre e sentir enjoo da carne boa).

Quando o homem concebe o mundo (no sentido de gerar, parir - dito antes), é esse mundo idealizado que é intersubjetivamente compartilhado entre cada um, esse mundo idealizado serve de base para as convenções que são utilizadas na sociedade de um determinado tempo. Há sempre um elemento de ficção no mundo lá - esse mundo real é descrito por palavras, pela convenção linguística. Há um mundo lá que pode ser previsto pelas ficções, pelas abstrações criadas pelo homem. Linguagem e ficção são criadas pelo homem e para o homem. Pensando nas 3 decepções alertadas por Freud: 1. não somos o centro do Universo (heliocentrismo); 2. não somos originados por Deus (darwinismo); e 3. a sua: existe uma subconsciência alheia ao mundo e ao homem e que pode ser responsável por nossos atos; qual o recado da ficção, das linguagens? De fato, não nos relacionamos nem com uma realidade de mundo e nem de forma direta entre nós. Há sempre uma criação e uma virtualidade contida nas palavras, nos movimentos e intenções: somos passivos, somos reflexos de nossas próprias criações - cada vez menos originais.

A própria linguagem inventada pelo homem evolui, as palavras mudam de significados, as palavras se fundem e se consolidam, novas se criam. **Essa mudança de sentido das palavras tem como pano de fundo uma possível falsidade da linguagem? A língua não é certa, ela se constrói. E, por isso, as palavras mudam? Palavras não são números. Os números são - há sempre uma atualidade neles. As palavras, eram, estão e serão. Virão a ser o que um dia deixaram de ser, ou poderão ser o que um dia não foram?? Ao representarem

coisas que deixaram ou deixarão de existir, mesmo assim ainda subsistem? Que ficção pode ser construída com que tipo de palavra? Precisamos investigar essa relação entre a palavra que representa uma realidade diretamente e uma palavra que é usada em uma ficção. Porque a associação linguagem-ficção multiplicada pelo homem tem responsabilidade mesmo que seja naquele humanismo que ressaltamos anteriormente.

Aula da Filosofia da Arte de 22/09/2014

Evaluation Warning: The document was created with Spire.Doc for Python.